

P O R T F Ó L I O

MARIA MACÊDO

MARIA MACÊDO

Nascida em Quitaiús/Lavras da Mangabeira, 1996. Atualmente reside em Juazeiro do Norte, Cariri Cearense. Artista visual/ Educadora/Atuante/Cantadeira/Pesquisadora. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri, pesquisadora no Projeto YABARTE: Processos gestacionais na arte contemporânea a partir dos pensares e fazeres negros femininos. Desenvolve pesquisas/trabalhos artísticos a partir do seu corpo, enquanto mulher negra/nordestina/retirante, traçando caminhos a partir das lacunas historiográficas, as construções afetivas e memórias pessoais/coletivas. Evocando a força ancestral da vida no campo, encontra nas vivências na terra o caminho que guia o seu fazer artístico enquanto artista agricultora retirante, fertilizadora de imagens. Buscando ressignificar os aspectos historiográficos acerca das populações do campo, e as camadas que permeiam a sua existência no trânsito com a urbes. Participou de exposições coletivas em estados do Nordeste, em São Paulo, e expôs individualmente no Museu L'imaginari, Espanha, com título Pensar un Brasil Negra y Mujer (2020).

Site: <https://macedomariar1.wixsite.com/mariamacedo>

Contato: (88) 9 9701-4409

Email: macedomariar1@gmail.com

Projeto:
Língua Ferina, e fertilização da imagem
(em desenvolvimento)

Procissão para os corpos que não morreram, 2020.

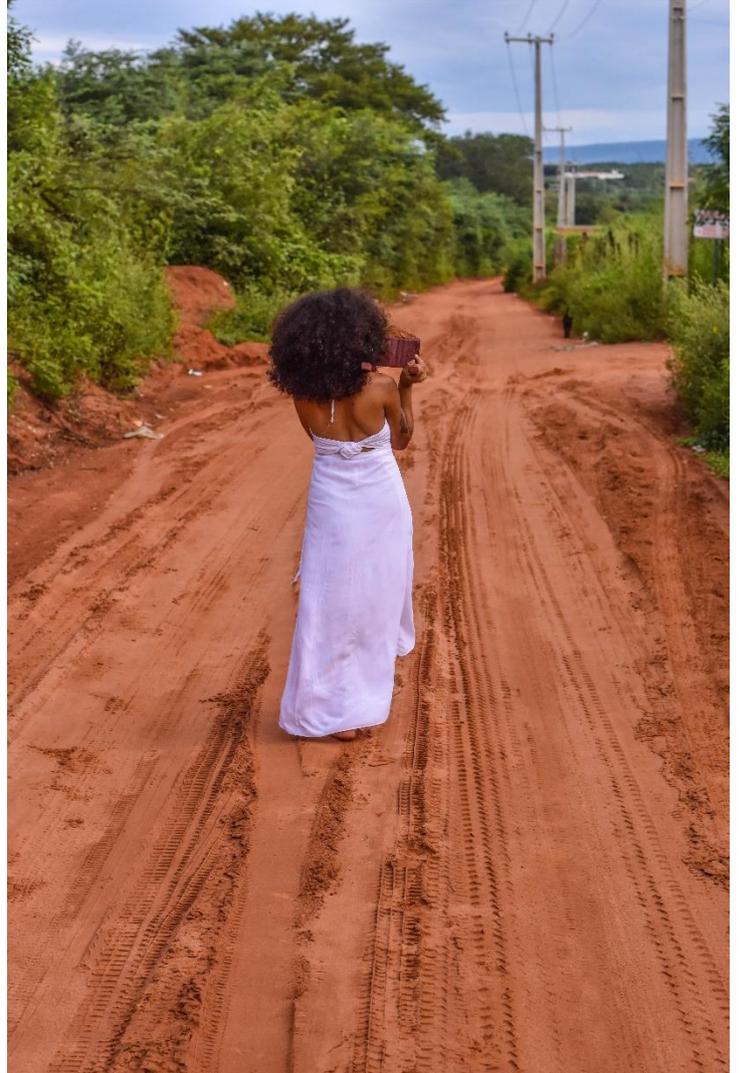
Caminho reverso para a cura do avesso. Ação/oração/devoção silenciosa para os corpos que permanecem vivos, mas invisíveis. Uma procissão de desejos gestados no útero dos pés em contato com o trato da terra. Rumo controverso da promessa de salvação das urbes. O caminho de volta em devoção com a terra. Cruzamento de terra com asfalto. Encontro com a memória, benzimento das quatro. O asfalto não vai salvar ninguém. Performance de percurso, realizada da zona urbana para a zona rural, em Juazeiro do Norte-CE.

Disponível em: <https://vimeo.com/409922864>

Captação fotográfica e audiovisual: Wandéallyson Landim.
Edição: Francisco Luiz.



Procissão Para os corpos que não morreram, 2020. Performance/vídeo. Foto: Wandéallyson Landim.



Procissão Para os corpos que não morreram, 2020. Performance/vídeo. Foto: Wandeályson Landim.

Fertilização da imagem, 2020.

Série composta por quatro pinturas (em andamento) em aquarela sobre sacos de estopa, material utilizado desde a época da escravidão para armazenar alimentos. Tomando como referência as representações históricas que distorceram a imagem das pessoas retirantes, sertanejas e agricultoras, que alimentou no imaginário coletivo o estereótipo “do matuto”, há aqui uma ressignificação dessas imagens, onde a artista retrata essas pessoas do campo tal qual elas são, no que se refere as proporções do corpo, e as condições reais de vida. As imagens elaboradas são retratos de pessoas da família da artista, e de amigos/as, que sempre foram agricultoras.

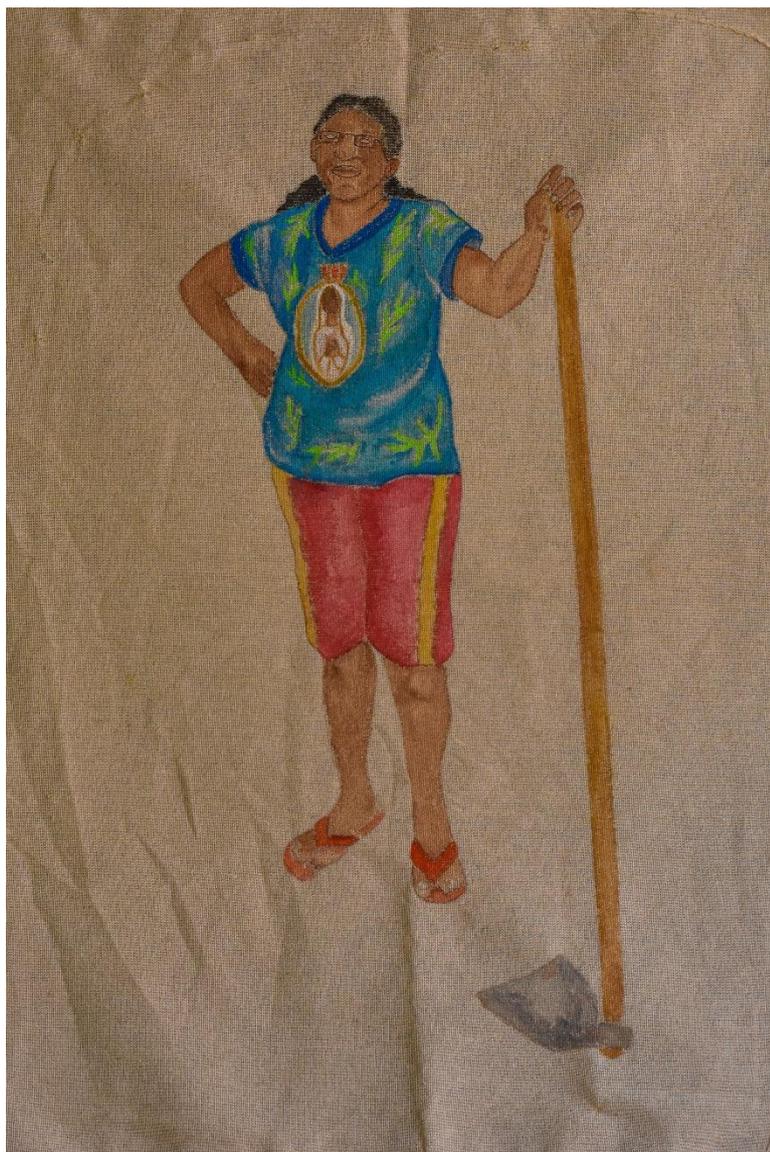
Compõe a montagem dos trabalhos uma instalação com quatro enxadas vermelhas, em tamanhos variados, que ficam fixadas no chão, e cartas com escritos da artista.



Fertilização da imagem, 2020. Série de escritas e pinturas, aquarela s/ sacos de estopa, 80x 21 cm.

Tudo aqui é ilusão, mas nos lembraremos do pescador da roça. Toda vez que a água tá baixa, é tempo de pescar de landuá. Quem diz que não se pesca sem isca, deve de tá acostumade a ser engolido por peixe grande. A proporção é a grande utopia das regras do fazer. Não tenho mais interesse a medir do tamanho de ninguém. Fim de tarde é botar galão, meio dia jogar tarrafa, landuá e anzol. O olho que me olha num tá acostumado a tirar a lama do canto das unhas, a tirar o cheiro da cidade pra ficar cheirando a pesca. A comer do pescado. Num tem simetria pra igualar quem nunca comeu terra a quem cresceu engolindo fumaça. Nas regras da proporção aprendi que igualar é diminuir no tamanho dos outros. De quem sempre foi maior. Por aqui num tem estudo

que faça a língua colonial cortar o céu da boca. É brusa, porque comunicação é sobre entendimento. Outro dia eu disse que transmutação pressupõe profundidade, e quem tá na beira vai ter que entrar. Trato com peixe é sobre limpar o corpo pra se alimentar. Quem num tira o féu tá fadado a viver de língua amarga. Tudo aqui é ilusão, mas me lembrarei de ser sempre uma pescadora da roça. Nunca mais vou ser retirante pra morrer no seco da cidade.



Fertilização da imagem, 2020. Série de escritas e pinturas, aquarela s/ sacos de estopa, 80x 21 cm.

Não tem caminho onde os pés não se afundem na terra, nem rio sem peixe mordendo no pé. A espera cresceu que nem jetirana se agarrando na cerca desde que o pau-de-arara cruzou a linha da fome do imaginário, e se fixou na incerteza da fertilidade do

solo. Num teve asfalto que desse jeito, e continuamos os processos de retirada. Tem gente que nem o que planta colhe, tem gente que colhe o que planta, e tem quem colhe sem precisar plantar. A natureza se encarrega de alimentar que lhe alimenta. Se num acredita, vai na beira do açude e vê o tanto de maxixe que cresceu. Quem vive em pleno gozo com a terra sabe da fecundidade. As mãos que trabalham são humanas, disse: tamanho normal, proporcional a estrutura óssea de cada corpo. Sem medir nas sete cabeças, sem a exacerbação do corpo propicio pra trabalhar que Portinari inventou. Modernismo é também sobre as novas formas de dizer sobre branco. As mãos e pés são humanas. Proporcional a estrutura invisível dos corpos. Terra firme arrancando os corpos danosos para as plantas. A justiça divina é a da natureza. A salvação está na terra. A ajuda emergencial é aprender com quem sempre viveu em harmonia com o solo, com as matas. O corpo que trabalha é humano. Proporcional para o tanto de exploração, apagamento e reinvenção que carrega a estrutura da alma. Algum dia de uma vida sem nada inventado.

AO VIVO, agora, 2020.

Série de trabalhos em desenvolvimento durante o isolamento social, devido a covid 19. Os trabalhos unem imagens de moradores/as da zona rural, sendo em sua maioria pessoas da família da artista, junto a imagens de plantas. Ao retratar pessoas em cenas cotidianas junto ao filtro do instagram, é estabelecida uma crítica acerca dos “novos modos de viver” estabelecidas pelo contexto de isolamento, e como as populações menos privilegiadas continuaram em desvantagem, já que o acesso a internet ainda é considerado luxo no Brasil. Assim, Ao Vivo agora, busca tensionar os acessos das periferias dos interiores, das pessoas que estão à margem seja nas favelas, ou na zona rural.

Acompanhado de textos, que buscam de forma subjetiva dizer sobre o tempo presente.



AO VIVO, agora, 2020. Pintura, colagem e desenho. Dimensão variável. (Série em desenvolvimento).

Observando atenta a pressa do tempo, e a moldagem inconstante da estrada de terra. Do asfalto
pra cá, é reinvenção.

Acompanho o crescimento das crias com a mesma inquietação e alegria de conviver com a
carnaúba. Da criação de coisas nunca acontecidas que me salvaram de uma imaginação
faminta.

Aqui a gente cresce sabendo da grandeza do mundo, que depois vira margem. Mas antes de
tudo, mundo.

O texto não ilustra a imagem, a imagem não ilustra o texto, só existência ilustra o tempo.

Tenho construído com barro essa casa de cura, esse templo de reinvenção do mundo de mim.
É daqui que observo a margem lá fora, rindo da centralidade ilusória vivida, pensando com
quantos projetos de mundo falido se garante a manutenção precária da vida.

Desfaço com calma a palha da carnaúba, transformando sombra em brinquedo de reinventar
corpos. O campo agora é minado.

Sol de mei dia lascando os coros pra lembrar o que é ter sangue quente.
Ao Vivo Agora, 2020.



AO VIVO, agora, 2020. Pintura, colagem e desenho. Dimensão variável. (Série em desenvolvimento).

Hoje o vento amolou sua faca nas minhas costas, e eu senti o sopro de vida.

Cresci sabendo da preciosidade de estar na terra, e do asfalto como promessa de mudança. Já entendemos os danos que um faz ao outro, e de como o corpo se habitua a adoecer pra preencher a agenda.

Encontrei o caminho de casa para a cura do avesso. A salvação tá na estrada de terra, na mata, nas águas, em tudo que nos habituamos a morrer matando. Voltei a ser retirante e voltei pra casa, nunca mais vou morrer no seco do asfalto.

Estou ao vivo agora. Crescendo com as plantas, vivendo em comunidade, alimentando os bichos e as saudades. Cultivando o solo e as perdas, há de brotar o que foi semeado.

Não consigo germinar aqui dentro, estou viva aqui fora, no que já chamaram de atraso, e que hoje é retiro pra tosse de fumaça. É desse bem viver 'queu' quero a vida. Da realidade não mais fingida pra vida social

urbanizada.

Estou ao vivo agora.



Tálamo, 2018

Nota 1. Palavras substantivadas. reorganizadas. 2. Corpo em constante estado de denúncia.

Do leito conjugal, as partes constituintes do cérebro. Da singularidade das transmissões sensíveis, a pluralidade que agrupa um conjunto de mulheres costuradas por linhas vermelhas. O que fazer quando nos tornamos os números?

Quais as palavras que te pesam as roupas?

Tálamo carrega em seu corpo vários outros corpos femininos que foram/são violentados de alguma forma. A maioria dos casos de violência contra as mulheres são tidos como crimes passionais, cometidos por ex- companheiros, namorados ou maridos que não admitem não possuírem os corpos das mulheres. As linhas aqui desfeitas disseminam informações de tantos outros corpos femininos violentados, rasgando estas roupas que nos apertam. Descosturando estes vestidos de violência que nos vestem o corpo. O que fazer quando nos tornamos os números?



Registro da Performance *Tálamo*, apresenta da na SegundaPRETA, em Belo Horizonte-MG. Foto:Pablo Bernardo, 2019.



Registro da Performance *Tálamo*, apresentada no I Festival de Performance Urbana do Ceará- Imaginários Urbanos. Foto: Natália Rocha, 2018.

Anamnese, reconstruindo memórias perdidas, 2018.

Construção de memórias, cartografando linhas com os meus cabelos. Esse corpo que se desprende de mim, que é mutável. Corpo abjeto que agora performa sozinho.

Pensando a abjeção e imagem do corpo, na rearticulação dos códigos da realidade, trazendo à tona uma partilha do sensível, materializando esses corpos impensáveis que a arte é capaz de produzir. “Estabelecendo espaços de memórias ativados pela presença do corpo”. Me utilizo dos meus cabelos para me conectar não só com a história da minha família, mas com a história de várias outras mulheres que lutaram para que o meu presente fosse menos lamacento que os seus. Para algumas culturas africanas o cabelo era um meio de comunicação, de mensagens, o determinado tipo de cabelo usado por uma mulher designava de qual grupo, religião, estado civil ela pertencia, bem como em outras culturas possuem/possuíam outros significados, penso em todas essas coisas e relaciono com a cultura a qual faço parte, e do que meu cabelo representa pra mim, e a teia de emaranhados significados se estende...



Anamnese, reconstruindo memórias perdidas, 2018. Série, fotografias analógicas e manipulação manual.



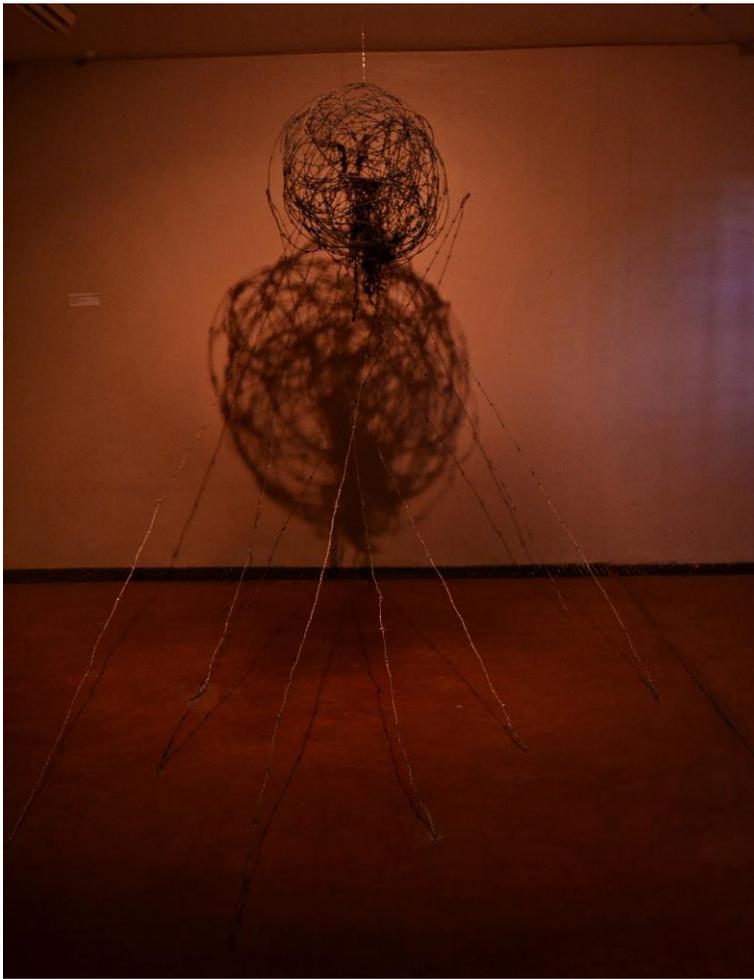
Anamnese, reconstruindo memórias perdidas, 2018. Série, fotografias analógicas e manipulação manual. Dimensões variáveis.

Contenção, 2018.

Dos riscos, das marcas na pele, e dos fios que foram deixados entre as linhas que compõe o fio de arame. Da relação com o objeto que ataca e defende. Metáfora à privatização do corpo, sobre as cercas contemporâneas que decidem quem pode o quê, que nos impede de adentrar muitos dos espaços que foram/são masculinizados, elitizados e excludentes. cercas nos privam de inúmeras coisas durante a vida, e ultrapassá-las nos marcam de alguma forma, seja na pele, no cabelo, ou para além do corpo físico. Quem são os donos do corpo?



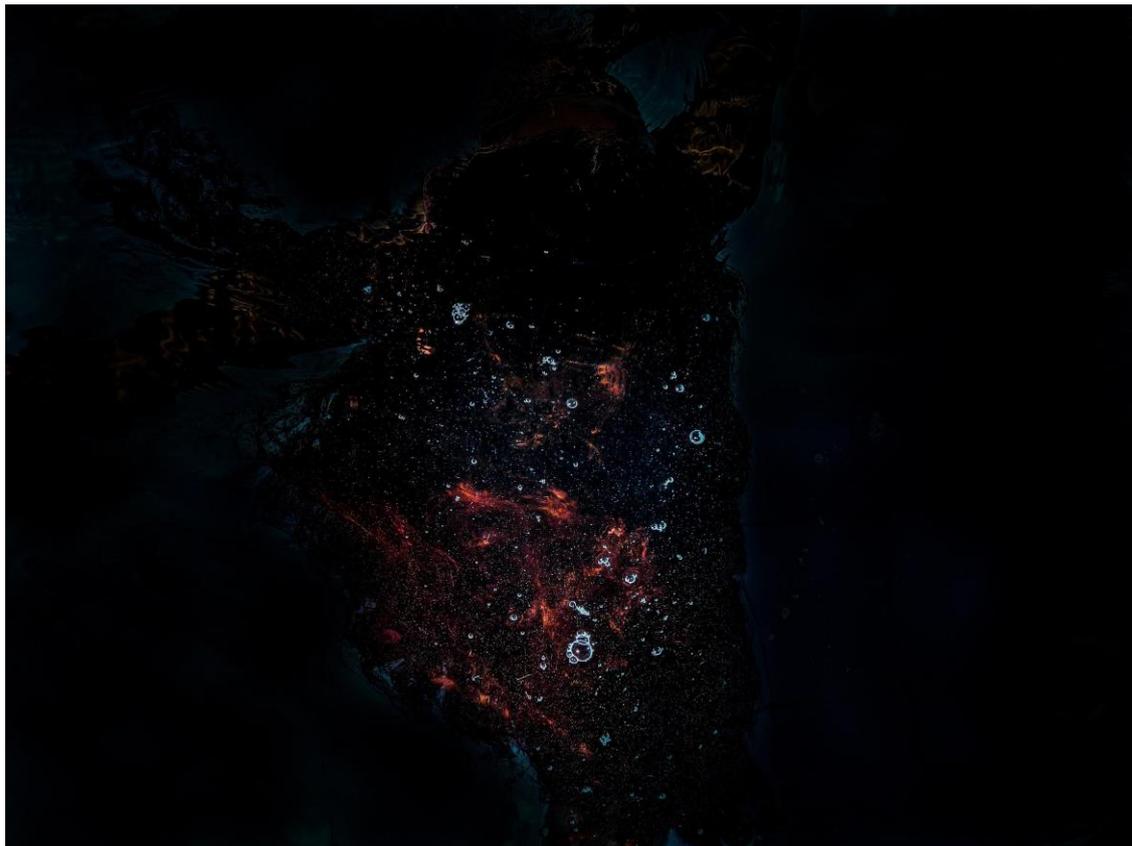
Contenção, 2018. Detalhe da Instalação. Arame farpado, e cabelos. Dimensões variáveis. Foto: Maria Macêdo.



Contenção, 2018. Detalhe da Instalação. Arame farpado, e cabelos. Fotos: Maria Macêdo.

OMIN, 2018.

Palavra iorubá, substantivo feminino, constituinte dos corpos e desejos. Reconstrução do momento da expansão do entendimento de mim, das percepções acerca da força potente do corpo feminino negro como multiverso. Das afirmações possíveis sustentadas pelo reconhecimento, e pela transcendência do corpo/cabelo.



Omin, 2018. Fotografia.



Omin, 2018. Fotografia.



Você fala Pretuguês?. Intervenção Urbana em Crato-CE. Foto: Maria Macêdo.

Via, 2018

Videoarte realizada a partir da metáfora do corpo/casa em constante processo de refazimento. Neste trabalho várias situações cotidianas, de movimentos de resistência, lazer, viagens, lugares por onde transitei e que de alguma forma impactaram no meu entendimento de mundo geográfica e intelectualmente, são projetados sobre meu corpo físico, camadas de vida sobre camadas de pele e vida. Os movimentos realizados remetem a estados assumidos pelo meu corpo em determinados espaços, por muitas vezes inconscientemente. Da beleza e poesia, dos confrontos na política nacional às greves e confrontos onde vivo, os movimentos estudantis, os momentos como artista em viagens, a transmutação do corpo, os percursos, as zonas de conforto confrontadas pelo trânsito/deslocamentos diários. Substantivo feminino. Uma cartografia dos pés registrada pelo olhar. Dentre as várias definições possíveis.

1. Caminho que parte de um ponto conduzindo a outro ponto.
2. o meio pelo qual se desloca ou transporta algo ou alguém, ou pelo qual uma mensagem é transmitida.



Imagem 77: Maria Macêdo. *Via*, 2018. Videoarte. Disponível em: https://drive.google.com/open?id=1mfMKGjz9lm-Ov-nypr_Ly0CqBxDW71cr. Fonte: Maria Macêdo.

CORPO-TERRA, 2018.

Circunscrições traçadas sobre um corpo em Zona de Confronto. Alinhamento do território imagético geográfico, ao território do corpo abrigado por esse espaço. Série fotográfica (em desenvolvimento) que investiga as aproximações da terra com os corpos historicamente portadores dos saberes ancestrais, e que tem sido mantido nos espaços ditos de subalternidade em prol de uma política de morte. Recriação deste espaço negado dos acessos que abriga em si a cura para os males da cidade.



Corpo-Terra, 2018. Série Fotográfica. 30x40 cm. (Trabalho em desenvolvimento).



Corpo-Terra, 2018. Série Fotográfica. 30x40 cm. (Trabalho em desenvolvimento).



Corpo-Terra, 2018. Série Fotográfica. 30x40 cm. (Trabalho em desenvolvimento).

Desmontagem, 2017

A ação performática surge a partir de um processo autobiográfico vivido no contexto racista da nossa sociedade. Um processo de montagem/desmontagem diário no mundo feminino.

As imposições estéticas ocorridas durante os anos da minha vida tem reverberado nas produções artísticas produzidas, nesse sentido, a performance surge como uma crítica às imposições de padrões de beleza, e os processos de branqueamento aos quais nós mulheres negras somos submetidas desde criança.



Registro da performance *Desmontagem*, apresenta no XXI ENEARTE, em Salvador-BA. Foto:

Amilton Duarte

Mães Ancestrais (2018-2020)



Mãe Oxum e Mãe Insã, 2019. Acrílica s/ Papel.

CURRICULO

Nascida em Quitaiúis, Lavras da Mangabeira-CE, 1996.

Vive e trabalha em Juazeiro do Norte-CE.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Licenciada em Artes Visuais pelo Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri (2019)

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

2020- *Pensar un Brasil Negra y Mujer*, Museari, Museu L'imaginari, Espanha.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

2020- *Mostra Sistema Aberto*, Galeria Sem Título, Fortaleza-CE.

2019- *Salão de Artes Visuais Vesta Viana* – 36º Festival de Arte de São Cristóvão-FASC, São Cristóvão-SE.

Outros mundos, outros sertões – QXAS, Festival de fotografia do Sertão Central, Quixeramobim-CE.

Corpos Furiosos – Festival Nacional Trovoa- Instituto Cultural de Arte - UFC, Fortaleza-CE.

Insurgências, Centro de Artes-Universidade Regional do Cariri, Crato-CE.

Casa Gino, Memorial Antônio Conselheiro, Quixeramobim-CE.

SERILUSORA, Galeria Maria Célia Bacurau, Crato-CE.

2018- *Ser Tão doce na Dureza*– Individual de Renata Felinto, Quilombo Urbano Aparelha Luzia, São Paulo-SP.

Fossílis: Olhares sobre a Chapada, Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens, Santana do Cariri-CE.

Mostra Mulheres Fotógrafas– IV FotoSíntese- Corpo&Imagem, Centro Cultural Banco do Nordeste Cariri, Juazeiro do Norte-CE.

Fórum Obirin, Centro Cultural da Barroquinha, Salvador-BA.

RASTROVESTIGIUM, Galeria Maria Célia Bacurau, Crato-CE.

ExposiAção Mulheres Pensantes, Presentes!, Galeria Maria Célia Bacurau, Crato-CE.

II Encontro Arte, Cidade e Urbanidade, Galeria Cañizares- EBA/UFBA (Salvador-BA)

Casa Gino, Unidade SESC, Juazeiro do Norte-CE.

2017- *ORGANON– Renegociações Estratégicas de Identidade*, Galeria Maria Célia Bacurau, Crato-CE.

PERFORMANCE

2020- *Procissão para os corpos que não morreram*, II Festival Imaginários Urbanos- Cidades Utópicas, Fortaleza-CE.

2019- *Tálamo*, SegundaPRETA- Teatro Espanca, Belo Horizonte-MG.

Tálamo, II Seminário Internacional Arte/Gênero/Ensino em Tempos de Conservadorismo, Crato-CE.

Tálamo, Centro Cultural Bom Jardim, Fortaleza-CE.

2018- *Tálamo*, I Festival de Performance Urbana do Ceará- Imaginários Urbanos, Fortaleza-CE.

Tálamo, II Encontro Arte, Cidade e Urbanidades, Salvador- BA.

2017- *(Des)montagem*, Escola de Dança/ UFBA, Salvador-BA.

(Des)montagem, Centro de Artes/URCA, Juazeiro do Norte-CE.

RESIDÊNCIA

2018– *Corpo, Gênero e Cidade*, I Festival Festival de Performance Urbana do Ceará- Imaginários Urbanos, Fortaleza-CE.

APRESENTAÇÕES COLETIVAS: TEATRO/PERFORMANCE/MÚSICA

2019- *Cantando Mulheres-* Coletivo Cantando Marias- Centro de Artes/URCA, Crato-CE.

Onde estão as grandes mulheres artistas da história da Arte?- Coletivo Karetas com Prekito - Simpósio Internacional LAVITS, Salvador-BA.

Onde estão as grandes mulheres artistas da história da Arte?- Coletivo Karetas com Prekito- Festival Arruaça ,Fortaleza-CE.

Place Bets, Juazeiro do Norte-CE.

Place Bets, Centro de Arte/URCA , Crato-CE.

Ajé- Coletivo IAMÍS KARIRIS, Centro de Artes/URCA, Crato-CE.

Ajé- Coletivo IAMÍS KARIRIS, Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro-PE.

2018- *Place Bets*, Triângulo, Juazeiro do Norte-CE.

Onde estão as grandes mulheres artistas da história da Arte?- Coletivo Karetas com Prekito, Salvador-BA.

Prekitadas nas ruas- Coletivo Karetas com Prekito, Crato-CE.

2017- *Língua Viva*-Unidade SESC, Crato-CE.

COLETIVOS

Iamís Kariris (2019)- Coletivo de atrizes pretas;

Coletivo Cantando Marias (2019)- Coletivo de performances musicais a partir das mestras da Cultura Popular do Cariri;

Karetas com Prekito (2018)- Coletivo de Performance;